

ARTESÃOS MINUCIOSOS

INSTRUMENTOS FABRICADOS EM BRASÍLIA SÃO PROCURADOS POR INSTRUMENTISTAS DE OUTROS ESTADOS, COMO RENATO ANDRADE

FRANCISCO DE PAULA
DA EDITORIA DE ESPORTES

Está chegando às discotecas da cidade o sexto elepe de advogado e engenheiro — uma dupla com algo além da música sertaneja. A viola caipira é o seu ponto forte. Tanto que um instrumento fabricado por João Pedro da Silva (o advogado) e Alexandre Alves Silva (o engenheiro) ressoa, de Norte a Sul do País, os ponteiros executados pelos dedos ágeis do mineiro Renato Andrade. O brasileiro Roberto Correa, atualmente se apresentando em Havana, também empunha uma viola desta layra.

A arte de fazer violas caipiras tem uma longa história, que passa de uma geração para outra. João Pedro aprendeu os primeiros segredos da luteria — fabricação de instrumentos de cordas — observando o seu pai, Alexandre Pedro da Silva, entalhador na madeira violas e rebecas. Os rudimentos do ofício vieram de Corumbá de Goiás, e hoje o "advogado" diz, orgulhoso, já haver passado o ofício à várias pessoas. Alexandre, seu filho e parceiro na serra tico-tico, é uma delas.

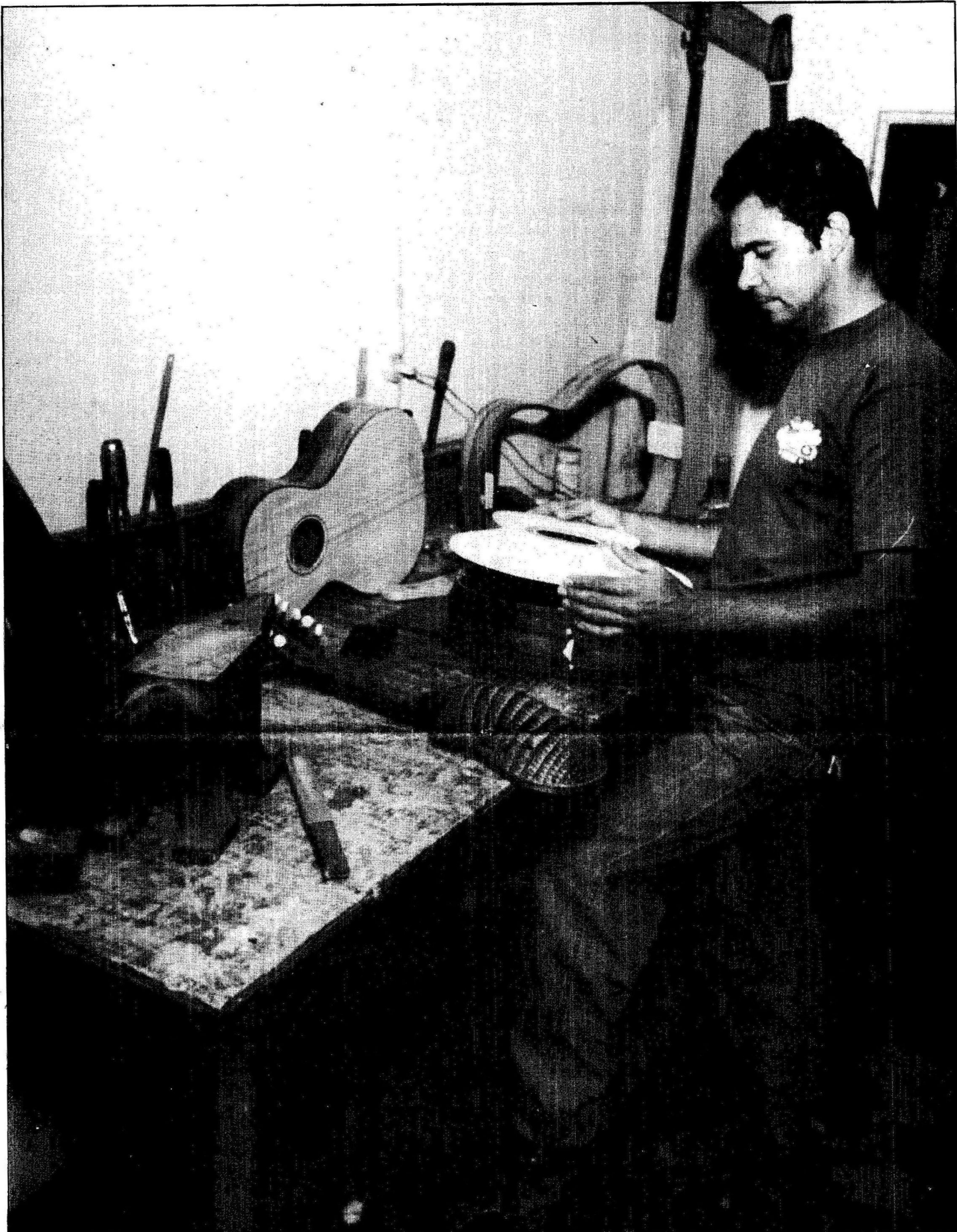
Bacharel em violão clássico pela Faculdade Dulcina, o "engenheiro", em harmonia com o seu companheiro de dupla sertaneja, afina peças de pinho alemão, cedro, mogno e ébano, para dar vida a violas, violões e cavaquinhos, no ateliê Aden — as iniciais dos nomes artísticos. A princípio, o local onde funciona a microempresa, um ponto comercial alugado em Taguatinga, mais parece uma modesta marcenaria. Logo se percebe, porém, que é um lugar de trabalhadores minuciosos, com instrumentos em vários estágios de produção por todas as partes.

Para João Pedro, fazer uma viola ou violão é de fato uma arte laboriosa. "O trabalho do lutier é uma alta costura, se comparado à produção em grande escala, como a da Di Giorgio, que mais parece uma fábrica de jeans", explica. Além disso, o ofício exige conhecimento de música. Segundo Alexandre Alves, só um músico tem capacidade de fazer um bom instrumento.

Capricho — Feitas com tanto capricho, as violas e violões Aden são procurados por instrumentistas de Minas Gerais, Goiás e São Paulo. A dupla só trabalha sob encomenda, e é dando forma à madeira, e não das apresentações musicais, que tira o grosso para o sustento. "O esteio do cotidiano da vida nasce daqui, e a música acaba sendo um bico, embora nela eu também me realize", diz o advogado, para quem estar se apresentando a um grande público e entregar uma viola caipira a um instrumentista são uma só emoção.

O violoncelista e professor da Escola de Música de Brasília Ataíde de Mattos é outro que resolveu investir no ofício de lutier. Os motivos ele mesmo enumera. "Os instrumentos no Brasil são geralmente ruins, raros e caros". Mas as razões não foram só estas. O engenheiro mecânico — formado pela UnB — arregaçou as mangas e começou a fabricar violinos, violas, violoncelos e contrabaixos, também movido pelas dificuldades encontradas no magistério da música. A principal falta de instrumentos para os seus alunos estudarem.

A reviravolta teve início em 82, quando Ataíde pediu licença não remunerada da EMB, onde lecionava



O músico e lutier Alexandre Alves Silva, o "Engenheiro", no ateliê em Taguatinga, onde fabrica e afina instrumentos de corda



Jorge Gomes diz que os principais inimigos dos pianos são a falta ou excesso de umidade, além de ratos, cupins e traças

há dez anos, para se dedicar à pesquisas acústicas em madeira e à feitura de instrumentos. Passou quatro anos distante da escola, orquestrando conhecimentos de engenharia, instrumentista e professor, com um

objetivo: chegar a produtos baratos, com bom timbre e volume sonoro. Foi um período em que conseguiu viver bem só do seu trabalho como lutier.

No momento, o artífice não tem

as mínimas condições de atender à avalanche de encomendas de Brasília e de outras unidades da federação. "Há uma procura muito grande sobretudo por violoncelos e contrabaixos — é um caso de demanda re-

primida", explica o engenheiro.

Apesar de o mercado de cordas ser muito promissor e rendoso, hoje Ataíde não pretende abandonar o ensino da música, mas conciliar as duas atividades, para ele, complementares e empolgantes. "O prazer de ver o aumento da situação de recursos é absolutamente mágico e empolgante, é um trabalho voltado ao aluno e muito gratificante", diz ele.

A inter-relação entre o artesão e o professor cresce a cada dia. A EMB acaba de abrir espaço para se montar uma oficina. Nela o lutier fará restaurações simples e regulagens em instrumentos da escola e dos alunos, além de ministrar cursos sobre o ofício. Hoje, Ataíde também ensina a estudantes que não podem comprar violoncelos como fabricar os seus próprios instrumentos, em seu ateliê no Lago Norte.

Afinador — Um violeiro ou mesmo um violoncelista geralmente afina o seu próprio instrumento antes de se apresentar. É muito difícil, porém, encontrar um pianista ajustando a sonoridade das 226 cordas antes de executar, ao teclado, peças como *A Tempestade*, de Beethoven, ou o *Odeon*, de Ernesto Nazareth. Mas não é impossível. O instrumentista Jorge Gomes consegue tal peripécia.

O duplê de pianista e afinador começou a ser adotado pelo músico há quatro anos. Lá estava ele em São Paulo, tentando se equilibrar na corda bamba da vida de artista. Fazia mestrado na Faculdade de Música Marcelo Tupinambá, lecionava a disciplina História da Arte na mesma instituição, e vez por outra, apresentava-se como concertista. Um belo dia, cansado de carregar piano em troca de um baixo salário do magistério, decidiu dar uma guinada. Procurou a Pianofatura Paulista — fabricante dos instrumentos Fritz Dobbert.

Durante três meses, trabalhou na fábrica, acompanhando a feitura dos instrumentos de corda e percussão e aprendendo a manusear ferramentas com tarimbados técnicos. Jorge conta que teve muita facilidade para assimilar as lições. "Demorei relativamente pouco tempo para dominar o ofício, em virtude de minha formação. Um leigo, que não conhece os intervalos musicais, tem de passar no mínimo um ano e meio na fábrica e pode não sair um afinador regular", explica.

De volta a Brasília, o afinador-pianista passou a ser muito procurado — não como concertista, mas como harmonizador de notas musicais. Segundo ele, há muitos pianos na cidade. "A maioria desafinada ou em mau estado de conservação". Jorge especifica as principais pragas para um piano: "Umidade ou secura em excesso, ratos, traças e cupins". Atualmente, está restaurando um T. Essfelder cuja caixa foi minada por cupins. O músico considera, entretanto, a existência de pianos usados como meros ornamentos de salas de estar o maior inimigo do instrumento. "São simplesmente peças ociosas, não cumprem sua função", conclui.

Afinar também é uma porta aberta ao contato com grandes concertistas. Foi uma chamada às pressas para ajustar as notas do piano de Cauda do Teatro Nacional que marcou o primeiro encontro de Jorge com o internacionalmente conhecido Nelson Freire, antes da sua última apresentação na cidade.